

**“IÊ, VIVA A CAPOEIRA, CAMARÁ!”:**

**Apropriação do território pela capoeira na cidade de Vitória – ES**

Elvis Reis de Oliveira  
Mestre em Geografia – PPGG - UFES  
elvisgeoufes@gmail.com

Jaerle Rodrigues Campêlo  
Mestra em Geografia – PPGG – UFES  
jaerlec@outlook.com

**RESUMO:** Este trabalho objetiva refletir as relações que são estabelecidas entre a prática de seis grupos de capoeira da cidade de Vitória (Grupo Beribazu, Grupo Renascer, Grupo Herança Cultural, Grupo Sapeba Capoeira, Grupo Barravento e Grupo Volta ao Mundo) e o território por estes apropriados. A base para a investigação parte das narrativas dos respectivos mestres de cada grupo estudado. Entendemos que cada grupo de capoeira tem suas particularidades, a sua história, sua trajetória, tal como a história dos personagens do grupo que se configura na personificação dos mestres. Todos os grupos pesquisados carregam consigo uma característica em comum que é utilização de espaços públicos, ou seja, espaços de convívio coletivo para realização de suas atividades. A capoeira, praticada em Vitória, surge como uma alternativa de manifestação cultural que ocupa e ressignifica os lugares públicos da cidade.

**Palavras-chave:** Capoeira, Território, Apropriação.

**ABSTRACT:** This article aims to discuss the relationships established between the practice of six capoeira groups in the city of Vitória (Beribazu Group, Renascer Group, Herança Cultural Group, Sapeba Capoeira Group, Barravento Group and Volta ao Mundo Group) and the territory appropriated by these groups. The investigation is based on the narratives of the master of each studied group. We understand that each group of capoeira has its particularities, history and trajectory, such as the history of the characters of the group that is manifested in the personification of the masters. All groups surveyed have in common the use of public spaces, that is, spaces for collective living to carry out their activities. The Capoeira practiced in Vitória appears as an alternative of cultural manifestation that occupies and resignify the public places of the city.

**Key-words:** Capoeira. Territory. Appropriation.

GT-10: Práticas culturais na produção da cidade

## 1 INTRODUÇÃO

Este trabalho, resulta da pesquisa de mestrado desenvolvida no Programa de Pós-Graduação de Geografia, da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). A pesquisa investigou como os grupos de capoeira, localizados na cidade de Vitória - ES, exercem a sua prática nos dias atuais, contribuindo para consolidação de uma identidade cultural e cidadã no território em que se encontram inseridos.

As discussões aqui levantadas nos levam a refletir as relações que são estabelecidas entre a prática de seis grupos de capoeira (Grupo Beribazu; Grupo Renascer; Grupo Herança Cultural; Grupo Sapeba Capoeira; Grupo Barravento e Grupo Volta ao Mundo), localizados na capital capixaba, e o território por estes apropriados. A base para a investigação parte das narrativas dos respectivos mestres de cada grupo estudado.

A escolha pelas narrativas dos mestres deveu-se, em razão da importância, do reconhecimento e representatividade que os respectivos mestres possuem junto aos grupos de capoeira pesquisados, bem como valorizar o trabalho realizado pelos mesmos. Além disso, representam pessoas conscientes, ativas e carregadas de experiências, que a partir de seu “lugar de fala”, e através de suas vivências, podem contribuir de forma eficaz para atender à proposta deste trabalho.

Sendo importante salientar, que o estudo sobre a manifestação cultural da capoeira não é uma tarefa fácil, sendo importante ter certo cuidado em relação a abordagem a ser adotada, tendo em vista, o grande volume de materiais (monografias, artigos, dissertações e teses) encontrados referente a temática e os diferentes encaminhamentos e dimensionamentos teóricos e metodológicos adotados.

A pesquisa da capoeira, enquanto manifestação cultural, apresenta alguns desafios que competem ao entendimento da realidade da capoeira nos dias atuais, principalmente, no que concerne à sua consolidação como instrumento que apresenta ferramentas para a formação da cidadania. Esses desafios estão atrelados à necessidade de melhor refletir e debater acerca da identidade cultural brasileira estabelecendo uma ligação direta com a herança africana, que muitas vezes, é relegada e omitida pela sociedade.

Entendemos que cada grupo de capoeira tem suas particularidades, a sua história, sua trajetória, tal como a história dos personagens do grupo que se manifesta na personificação dos mestres. Todavia, ao estudar as respectivas narrativas dos diferentes grupos, é possível encontrar

alguns aspectos em comum, contribuindo para a construção dos eixos fundamentais que alicerçam o desenvolvimento deste trabalho. Essa similaridade é evidenciada, justamente, pela realização de suas práticas em espaços ou equipamentos públicos do município de Vitória – ES, e pela produção de territórios efêmeros em toda cidade, uma vez que, os grupos realizam suas rodas em diversos locais da capital capixaba.

Ao adotarmos como recorte espacial a cidade de Vitória, consideramos que a história da capoeira, neste território, ainda não está completamente contada. Dessa forma, o presente artigo fornece subsídios importantes capazes de promover uma maior visibilidade ao modo como a capoeira está se organizando, no espaço da capital do Espírito Santo.

## 2. APROPRIAÇÃO DO TERRITÓRIO E CAPOEIRA: UMA LEITURA GEOGRÁFICA

Depreende-se que a definição do conceito de território<sup>1</sup> é importante para o desenvolvimento e entendimento da problemática deste trabalho. Assim sendo, será apresentado, de forma breve, tal conceito na tentativa de articular a ideia de apropriação do espaço e a concepção de território e territorialidade.

Entendemos a apropriação do espaço, como sendo as ações realizadas pelos mais diversos agentes sociais, que utiliza determinada área do território para exercer suas mais variadas atividades. Tal fato torna-se, ainda mais importante, uma vez que essas ações objetivam, sobretudo, a salvaguardar a reprodução do sistema social (SACK, 1986; CORRÊA, 1994). Nesse sentido, Silva (2013, p.05), destaca que “[...] trata-se de um processo muito amplo, complexo e com uma enorme diversidade de manifestações e aspectos variados”.

Conforme, Gomes (2002), a apropriação de um espaço acontece desde uma simples ocupação de uma área, como calçada, até o fechamento de ruas e bairros. Sendo assim, ao propormos estudar a apropriação do espaço pelos grupos de capoeira na cidade de Vitória, partimos da premissa, que tais grupo utilizam e se apropriam dos mais variados espaços da cidade, territórios efêmeros, que são construídos e desconstruídos através das rodas e treinos como pode ser observado no mosaico de imagens da figura 1. Todos esses espaços carregam consigo uma característica em comum: são espaços públicos, ou seja, espaços de convívio coletivo.

---

<sup>1</sup> Partimos do princípio de que para a análise geográfica é essencial compreender os conceitos de espaço geográfico e território como indissociáveis, pois o território é formado a partir do espaço.

Figura 1 – Mosaico com os espaços públicos utilizados pelos grupos de capoeira, em Vitória – ES



A - Roda de capoeira Centro Comunitário de Tabuazeiro; B - Roda de capoeira Praça Central do bairro Andorinhas; C - Treino na orla de Camburi; D - Roda de capoeira Parque Moscoso; E - Treino Parque Pedra da Cebola; F - Roda de capoeira Praça Central do bairro Andorinhas. Fonte: Pesquisa de campo, 2018.

Através das observações *in loco*, percebemos que a partir do momento em que um grupo de capoeira se apropria de determinado território, imprime-se neste espaço um caráter simbólico, principalmente, por aqueles que estão inseridos no processo vivenciado, neste caso, a capoeira.

Cada apropriação do espaço implica uma nova atribuição de coerência, de uma nova lógica que adquire conteúdo com um devir social específico, no qual se

tecem o individual e o coletivo. Transforma-se o espaço ao se transformar a sociedade, e em cada uma dessas transformações está envolvida uma atribuição de uma temporalidade particular que é a que vive a sociedade particular num dado momento (NICOLÁS, 1994, p. 85).

Com base no autor supracitado, ousamos dizer que quando determinado grupo faz uso de determinado território, este território ganha uma nova função, ou seja, transforma-se em um espaço social. “A apropriação de um determinado espaço ou território significa a reconstrução de uma nova lógica temporal; é reativar um mecanismo de articulação entre tempo e espaço, diferente do anteriormente apropriado” (SILVA, 2015, p.16).

É válido salientar, que neste trabalho, o estudo dos espaços apropriados, está associado à categoria de território. Portanto, é abordado o território como categoria de análise que engloba diversas ciências, em especial a Geografia.

Neste sentido, concordamos com Rocha; Almeida (2005), quando explicam que o território é concebido como um produto da história da sociedade, sendo assim, está sempre em processo de mudança.

O território pode ser considerado como um conjunto de sistemas naturais acrescidos dos fenômenos históricos materiais impostos pelo homem. É formado pelo conjunto indissociável do substrato físico, natural ou artificial, mais as bases técnicas e as práticas sociais. Os acréscimos são destinados a permitir, em cada época, uma nova modernização, que é sempre seletiva. Por exemplo, o acréscimo das ferrovias na segunda metade do século XIX e as infovias, hoje. A partir do Estado Moderno tudo isso constituiu-se como base da soberania nacional e da competição entre as nações. Com a globalização, o território passa a ter mais importância ainda, pois o mundo possibilita multiplicar a produtividade com as técnicas contemporâneas através dos lugares conhecidos em sua realidade material e política, sendo que os lugares se distinguem pela diferente capacidade de oferecer às empresas uma produtividade maior ou menor (ROCHA; ALMEIDA, 2005, p. 10).

Com o advento da Geografia Crítica, o conceito de território ganha novas dimensões; passa a ser definido principalmente pelas relações de trabalho, estabelecendo concepções e debates, tendo como foco a articulação do pensamento dialético materialista e contribuindo, desta forma, para uma discussão que adentre ao campo filosófico (ROCHA; ALMEIDA, 2005); (HAESBAERT, 2006).

Sendo, território e territorialidade, os conceitos chaves para a reflexão de nossa problemática envolvendo o universo da capoeira, tais conceitos serão trabalhados, principalmente, em consonância com autores que realizam uma discussão a partir de uma perspectiva integradora, não dissociando a abordagem política da econômica e da cultural.

Conforme, Haesbaert e Limonad (2007), o território é uma combinação de estruturas naturais e produzidas, uma construção social, histórica, econômica, política, cultural e simbólica. Tal perspectiva representa bem a multidimensionalidade do conceito.

Existem também as perspectivas impregnadas de subjetivismo, como aborda Lepetit (2001), que percebe o território como um contexto dinâmico, caracterizado pelo movimento de diferentes temporalidades. Por outro lado, os territórios também podem constituir sistemas estruturados, compostos por processos relacionais, ora impregnados de poder, como apresenta Raffestin (1993), ora de técnica, como defende Milton Santos.

Dentre as diversas definições, uma das mais difundidas estabelece sua ligação com o poder<sup>2</sup>. Nas dimensões política e econômica, no entanto, podemos ler território como uma realidade de caráter humano e político da sociedade. Neste sentido, torna-se possível trazeremos a discussão para o universo da capoeira.

Logo, dentre as linhas de pensamento apresentadas, adotamos a vertente teórica abordada por Haesbaert (2004), tendo em vista, que este autor compreende o território não dicotomizando as mais diversas dimensões – cultural, econômica, política e social - que podem ser experienciadas no território. Em sua perspectiva de análise, argumenta:

Desde a origem, o território nasce com uma dupla conotação, material e simbólica, pois etimologicamente aparece tão próximo de terra-territorium quanto de terreo-terror (terror, aterrorizar), ou seja, tem a ver com dominação (jurídico-política) da terra e com a inspiração do terror, do medo – especialmente para aqueles que, com esta dominação, ficam aliados da terra, ou no “territorium” são impedidos de entrar. Ao mesmo tempo, por extensão, podemos dizer que, para aqueles que têm o privilégio de usufruí-lo, o território inspira a identificação (positiva) e a efetiva “apropriação” (HAESBAERT, 2004, p. 01).

Posto isso, estabelecemos como campo de pesquisa a abordagem do conceito de território que perpassa pelo campo da Geografia Cultural que, de acordo com Rocha; Almeida (2005, p.01), território é o lugar do vivido a partir do percebido e do concebido, ou seja, do mundo – vivido.

Conforme, Denise Maldí (1998), em seu artigo “A questão da territorialidade na etnologia brasileira”, a mesma traça uma abordagem a respeito da territorialidade que possibilita uma reflexão antropológica e geográfica, na medida em que contribui para a compreensão da formulação histórica e cultural sobre a diferença. Com base na opinião da autora, “a transformação do espaço em território é, basicamente, um fenômeno de representação, pelo qual os grupos

---

<sup>2</sup> A obra Por uma Geografia do poder, de Claude Raffestin (1993), é uma importante referência para a construção do conceito de território na Geografia.

humanos constroem sua relação com a materialidade” (MALDI, 1998, p. 02). A autora destaca que “A ideia de pertencimento ligada ao território nos remete, por sua vez, à definição da territorialidade que, no seu limite, significa o que pertence a um território” (MALDI, 1998, p.05).

Reforçando a ideia estabelecida pela a autora em discussão, Rocha; Almeida (2005), partem do princípio que a territorialidade varia de acordo com o condicionamento cultural, meio social, atitudes políticas e motivações ideológicas. As autoras utilizam-se do pensamento de Sanguin (1977), que reforça o conceito de territorialidade em que carrega consigo um sentido profundo de pertencimento e de permanência.

Partindo da premissa que a capoeira se configura como uma manifestação rural / urbana e tendo como recorte espacial a cidade de Vitória, o conceito de territorialidade que iremos debater e refletir seria, justamente, a territorialidade urbana que, nesta proposta de pesquisa, objetiva analisar o processo de apropriação do território pelos grupos de capoeira no espaço urbano de Vitória. Esse processo é entendido

[...] como conjunto de ações, comportamento de indivíduos ou grupo que tendem a afetar, influenciar ou controlar pessoas, fenômenos e relações; atividades que estabelecem territórios, tendo como elementos fundamentais as representações sociais (visão de mundo dos diferentes agentes sociais, atribuições de significados e interpretações da realidade) e as práticas espaciais (ações espacialmente localizadas, materialização cotidiana da identificação dos grupos com o espaço às ações do planejamento) (CAMPOS, 2002, p.36).

Campos (2002, p. 37), ao refletir sobre o papel das representações urbanas na área central do Recife, fundamenta sua argumentação classificando as territorialidades em três elementos básicos, que dentro do debate tornam-se fundamentais, são eles: “as formas de expressão de poder, associados a objetivos comuns dos participantes dos grupos; a identificação simbólica do território para seus componentes; e os meios de comunicação com o exterior”.

Podemos confirmar, por meio das observações *in loco*, os três elementos citados pela autora no processo de territorialidade dos grupos de capoeira na cidade de Vitória. A figura 2, demonstra a realização de uma roda de capoeira do grupo Barravento na praça central do bairro São Pedro I. Verificamos que as formas de expressão de poder, são estabelecidas pelo controle estabelecido pelos membros do grupo com a comunidade que acessa a praça, onde o grupo tem ingresso livre a áreas específicas, tanto do bairro, como na própria praça.

Figura 2 - Roda de Capoeira realizada na praça do bairro São Pedro I, Vitória – ES.



Fonte: Pesquisa de campo, 2018.

A identificação simbólica entre o grupo de capoeira e a praça do bairro São Pedro I é estabelecida, a partir dos diferentes significados e valores que o espaço assume para os mais diversos grupos sociais, que convivem e utilizam a praça para realizar suas práticas.

É possível perceber que a praça agrega diversas atividades, sendo que cada grupo estabelece uma forma diferente de se relacionar e agregar valor. É justamente, neste momento, que a territorialidade surge através das relações de grupos sociais com o “seu” território, que se materializa por meio das formas de uso, organização e significado que ele pode assumir em diferentes momentos.

Tais significados podem ser traduzidos em expectativas particulares ao grupo – prazer, necessidade, contingência, obrigação, ideologia – como também, exteriores a eles, que seriam funcionais, simbólicas, sociais, físico-ambientais, socioeconômica (CAMPOS, 2002). As formas de comunicação com o exterior são evidenciadas por meio das ações correspondentes à materialização no espaço a partir das relações que são constituídas como práticas socioespaciais.

### 3. TERRITÓRIOS APROPRIADOS E CAPOEIRA

Entendemos que espaço e território, são conceitos indissociáveis, pois partimos da premissa que o território é formado a partir do espaço. Essa indissociabilidade foi construída por Haesbaert (2004, p.61), que dependendo do enfoque estabelecido na pesquisa permite tratar espaço e território como “sinônimos”.

Convergingo ao encontro das categorias indissociáveis espaço e território, utilizamos o termo apropriação dentro de uma perspectiva geográfica que é caracterizada por meio de uma relação mais simbólica de utilização dos espaços, a partir das marcas do vivido, ou seja, mais caracterizada pelo valor de uso. O espaço apropriado, neste sentido, apresenta um atributo de posse e de identificação, que se diferencia da mera ocupação física (HAESBAERT, 2007).

Partindo desse entendimento, as primeiras indagações feitas aos mestres, durante a pesquisa de campo, tinham por finalidade identificar qual(is) os critérios adotados para a definição dos espaços para a realização da capoeiragem. Foram unânimes em afirmar que os espaços ocupados são em sua maioria escolas, praças e espaços comunitários, tendo como critério a condição de ser espaços públicos.

O Herança Cultural está presente no espaço da prefeitura na região do centro da cidade, ele está na Praça do Papa, pelo projeto TAMAR, em Cariacica, na praça central, em Nova Rosa da Penha [...] O critério utilizado é poder atender ao máximo de pessoas, e também possibilitar que nesses territórios vivenciem um pouco de cultura. Aqui na região do centro, a princípio, os treinos eram realizados no Tancredão e, posteriormente, conseguimos aqui o espaço do Pé de Moleque<sup>3</sup> que acabou ficando como a nossa sede, mas aqui realizamos roda na Vila Rubim, na rodoviária, em vários lugares (PROFESSOR PAULISTA - Transcrição de entrevista realizada em 05/06/2018).

Hoje o grupo está presente em 4 faculdades, estamos em várias escolas públicas, atendemos diversos projetos sociais situados em bairros bem periféricos, sendo que a UFES como foi o primeiro local, acaba sendo vista como referência para o grupo. O que existe são orientações por nós acreditarmos que a capoeira é um fenômeno que educa, e tem alguns espaços que não possibilita algumas ações[...]. Então a orientação que nos colocamos é que seja um espaço que dê para trabalhar a capoeira em sua totalidade cultural, histórica, social, política, nessa visão que possa formar um cidadão próximo da cultura mas uma proximidade com toda formação da capoeira que às vezes é bem difícil (MESTRE LAMPIÃO - Transcrição de entrevista realizada em 07/07/2018).

Tem o grupo que eu dou aula que é na Ilha das Caieiras; têm o núcleo do Arcanjo, que é em São Pedro na Escola Municipal Tancredo Neves; tem o grupo do Mestre Guerreiro, que é na praça de Gurigica. A questão da escolha é visibilidade; a gente vai mais assim, surge uma pessoa de chamar, “Ah tem como você dar aula naquele local, naquele bairro, naquela comunidade” e a gente acaba fazendo ali o espaço de aula e algumas vezes surge uma roda (MESTRA FURINHA - Transcrição de entrevista realizada em 05/08/2018).

Hoje o grupo utiliza apenas aqui a Orla da Praia de Camburi para realizar os treinos. Já houve um grupo também em Cariacica, mas acabou não tendo

---

<sup>3</sup> O projeto Pé de Moleque atua como uma importante ferramenta de promoção de ações relacionadas ao desporto educacional de Vitória. Trata-se de um polo educacional de atividades recreativas e esportivas.

continuidade. Então o espaço para mim é adequado, o piso é bom, o tamanho é ótimo, algumas coisas são desconfortáveis como dia de chuva e vento forte, ou barulho de carro passando ou ônibus, mas isso não impediu (MESTRA FURINHA - Transcrição de entrevista realizada em 05/08/2018).

Hoje o grupo está presente apenas aqui no espaço da associação de moradores do bairro (MESTRA NAGÔ - Transcrição de entrevista realizada em 06/06/2018).

Então, os lugares hoje que a gente realiza os treinos são: o treino dos adultos é no Parque Municipal Pedra da Cebola; nós temos os núcleos sociais que a gente chama que são espaços que a gente acredita que a capoeira tem que chegar lá! Que é a escola Edina de Matos em Jesus de Nazaré, a escola de Bicanga na Serra, em Morada de Laranjeiras, no Condomínio Residencial Atlântica Vile que fica no final da Praia de Camburi; e nós também ficamos por 7 anos na Comunidade Quilombola de Retiro em Santa Leopoldina. As rodas nós podemos fazer em alguns desses lugares e também em espaços públicos que nos utilizamos; a praia de Camburi no calçadão perto da entrada de Iemanjá e também realizamos rodas no centro da cidade na praça Costa Pereira e na praça Ubaldo Ramallete, são os dois espaços que costumamos fazer rodas em locais públicos (CONTRA MESTRA AMORA - Transcrição de entrevista realizada em 05/09/2018).

Com base nas narrativas dos entrevistados percebemos a tendência no que tangencia a apropriação de espaços considerados públicos. Para Corrêa (2009), o espaço público é considerado um campo de luta, constituído por distintos usos.

Ao trazer para esta pesquisa a ideia de espaço público, podemos trabalhar e debater tal conceito atrelado à ideia de genoespaço, debatido pelo geógrafo Paulo Cesar Gomes, em sua obra “A condição Urbana, ensaios de geopolítica da cidade”. Gomes (2002, p. 60), classifica o genoespaço como uma “subcategoria do espaço, em que seriam incorporadas às mais diversas formas de agregação social que qualifica o território, o grupo ou a comunidade”. Tal conceito baseia-se em critérios variados de afinidades, gerando vivências sobre o espaço. Assim:

A unidade pode ser construída por meio de traços étnicos, familiares, culturais, históricos, morfológicos, comportamentais ou alguns desses considerados simultaneamente. Indiferentemente, o que esses elementos vão legitimar é uma identidade comum e própria. A identidade é antes de mais nada um sentimento de pertencimento, uma sensação de natureza compartilhada, de unidade plural, que possibilita e dá forma e consistência à própria existência. O coletivo tem absoluta preeminência sobre o indivíduo, e a construção de uma identidade se faz dentro do coletivo por contraste do outro (GOMES, 2002, p.60).

Dentro da perspectiva que envolve e, ao mesmo tempo, atrela o espaço público ao território apropriado pelo grupo de capoeira, Saquet (2014, p. 13) diz que o “território é substantivado, material e imaterial, por sujeitos, grupos e classes sociais que estão em constante interação, conflito e disputa”. Gomes (2002) trabalha o espaço público em uma perspectiva de lugar das indiferenças;

espaço onde as afinidades sociais, os jogos de prestígio e, as diferenças, quaisquer que sejam, devem se submeter às regras da civilidade.

Todavia, o relato dos mestres, quando questionados sobre as dificuldades de realização de uma roda de capoeira vai justamente à contramão da ideia apresentada pelo autor em que “espaço público é qualquer tipo de espaço, onde não haja obstáculos à possibilidade de acesso e participação de qualquer tipo de pessoa” (GOMES, 2002, p. 162). No dia a dia, os capoeiristas vivenciam o acesso aos espaços públicos de uma forma diferente, como pode ser demonstrado nas narrativas a seguir:

A gente foi fazer uma roda na Praça dos Namorados, a gente fez lá no meio e aí passado cerca de vinte minutos de roda, o organizador veio e pediu que a gente terminasse a roda, pois apesar de ser um espaço público tinha regras para o uso daquele espaço no dia da feira, que tinha que pedir autorização da prefeitura; era um sábado de noite que tem a feira de artesanato, eu desconheço se essa regra aplica a todo tipo de artista, grupos culturais e esportivas [...] (CONTRA MESTRA AMORA - Transcrição de entrevista realizada em 05/09/2018).

[...] muitas vezes, a capoeira sofre uma perseguição diferente de outras manifestações, vou dar um exemplo: lá na Pedra da Cebola, o vigia fica bem de olho na gente se saímos depois do horário. No dia que tem o campeonato de futebol, que eles saem muito depois, não tem problema, entendeu? A gente percebe um tratamento diferente da capoeira e do futebol e isso é sempre [...] (CONTRA MESTRA AMORA - Transcrição de entrevista realizada em 05/09/2018).

[...] Outra vez estava fazendo um projeto na praça dos namorados e a prefeitura sem nenhuma explicação proibiu a realização das atividades no espaço; era um projeto que atendia crianças com alto risco de vulnerabilidade social, este episódio foi o mais marcante, pois ao contar para as crianças do fim do projeto, elas ficaram revoltadas, muitas começaram a chorar (MESTRE LAMPIÃO - Transcrição de entrevista realizada em 07/07/2018).

Gomes (2002) expõe no decorrer do seu debate que todas as cidades dispõem de lugares excepcionais, os quais correspondem à imagem da cidade e sua sociabilidade, e são justamente, esses lugares que os grupos de Capoeira buscam utilizar a fim de realizar sua prática. No entanto, através dos relatos anteriores é percebido que o acesso por vezes é negado, indo de encontro à ideia que este mesmo autor vai defender “espaço público é o terreno fundamental da vida social democrática” (GOMES, 2002, p. 164).

As narrativas dos entrevistados nos permitem estabelecer uma comparação dentro do processo histórico que perpassa pela capoeira, a sua relação com os espaços de livre acesso por toda a população onde, a partir de meados do século XIX, após a abolição da escravidão, a capoeira

nas cidades, principalmente no Rio de Janeiro, Salvador e Recife, ocupava ruas, praças, becos e vielas para realizar suas atividades.

É válido ressaltar que ao fazer tal proposição da capoeira como prática que se apropria dos espaços públicos urbanos, não estamos negando a origem da capoeira como uma manifestação oriunda do campo, que se desenvolveu junto aos quilombos, onde sua prática estava relacionada às questões que envolviam a resistência da população negra escravizada, que lutavam por liberdade.

Tal proposição só vem reafirmar esse caráter de resistência e luta, pois, ao sair dos quilombos, a capoeira vai para as cidades através de seus corpos negros, tornando o espaço público, seja ele nas mais diversas cidades, inclusive em Vitória – ES, palco inquestionável de suas ações (TORRES, 2014).

É notório, que ainda nos dias de hoje, a apropriação dos espaços públicos pela capoeira na cidade de Vitória, ainda acontece, contudo de forma tímida. Com exceção, do grupo do Mestre Sapeba e da Contramestra Amora que realizam atividades nas ruas, os demais utilizam os espaços das escolas, sedes de associação de moradores, dentre outros. Em relação a essa ausência da capoeira nas ruas, propriamente dita, o Mestre Nagô alerta que:

A capoeira hoje não está tão popular como ela já foi antigamente, hoje ela está mais inserida nas academias, nas escolas, e nos espaços comunitários como o nosso. Dificilmente hoje você ver roda de capoeira na rua. Isso também foi a preocupação de alguns mestres retirar a capoeira da rua para dentro de espaços fechados para dar mais dignidade ao capoeirista. Porque na rua acontecia muitas coisas ruins. Eu já participei de várias rodas na rua, e víamos muitas barbaridades, que mantinha a discriminação, como ainda hoje tem, mas quando era feito na rua a discriminação era bem maior, não só racial, mas nos “tachavam” de marginais (MESTRE NAGÔ - Transcrição de entrevista realizada em 20/06/2018).

Em relação ao critério utilizado para escolha do lugar, as respostas convergem para a questão que envolve a oportunidade de uma maior visibilidade. Notamos, que os grupos buscam apropriar-se daqueles espaços que têm uma grande circulação de pessoas. Nesse sentido, podemos contextualizar a prática da capoeira a partir da teoria da cultura como entretenimento, proposta por Claval (1999, p.152): “a cultura-entretenimento deixa de ser feita de elementos ativos e prepara as pessoas para assistir, durante uma parte do seu tempo, a sessões preparadas e realizadas por outros”. Confirmando, o exposto por Claval, evidenciamos na verbalização do entrevistado, que a capoeira assume uma manifestação cultural de entretenimento:

[...] quando realizamos uma roda na rua... vou dar um exemplo: vou fazer uma roda ali na rodoviária. Naquele espaço, podemos pensar várias coisas, pode ser

uma roda para divulgar o trabalho, mas além de divulgar o trabalho pode servir de entretenimento para quem está no espaço, que pode tá estressado por “enes” fatores que aconteceu no decorrer do dia, proporcionar às pessoas um momento gostoso de se envolver com algo rico de diversidade cultural; então a capoeira traz tudo isso para gente. A ideia da roda na Vila Rubim, além de divulgar o trabalho não só o meu, mas também de toda a comunidade capoeirista do Espírito Santo, que sempre vem prestigiar as rodas, mas também atrair o turismo na Vila. A Vila Rubim é um lugar muito rico culturalmente, eu tenho certeza que a capoeira pode ajudar a potencializar e resgatar culturalmente a valorização daquele espaço (PROFESSOR PAULISTA - Transcrição de entrevista realizada em 05/06/2018).

Ao indagarmos os entrevistados a respeito da importância do espaço coletivo, levando-o a refletir sobre a relevância da prática da capoeira, como fomentador de ações que visam potencializar e estimular a vivência coletiva. Foi questionado se a utilização desses espaços pela capoeira reforçava o caráter coletivo, as verbalizações foram as seguintes:

[...] na verdade eu penso assim, quem faz o espaço é você. Para você ter noção, nossos treinos em Nova Rosa da Penha é um espaço que quando eu cheguei lá era muita violência vivenciada no território [...]. A capoeira chegou lá e mudou isso, porque a comunidade aceitou e entendeu a proposta do trabalho que seria desenvolvido [...]. Se você vai com a proposta de levar o bem, tenho certeza que a praça ou qualquer lugar que você for trabalhar vai te trazer uma estrutura legal, e vai acabar refletindo este caráter coletivo e ao mesmo tempo cria um ambiente de cidadania (PROFESSOR PAULISTA - Transcrição de entrevista realizada em 05/06/2018).

Sim! Reforça, pois, a gente trabalha dentro da formação dos alunos uma diferença muito grande dentro do fazer pedagógico; é um conceito que levamos na formação é a diferença de coletivo e multidão. Então, se uma pessoa não sabe a diferença entre coletivo e multidão, ele não sabe, por exemplo conduzir uma roda, conduzir o seu grupo ou coletivo de aula, ele não sabe trabalhar a cerimônia a ritualística da capoeira, por que eu entendo o coletivo como um organismo vivo, que tem atribuições, funções, relações humanas, pessoais e interpessoais com a cultura e com a história da capoeira. E a multidão é um aglomerado de pessoas que não tem essa percepção, e se a capoeira trabalha dessa forma, que nem sempre é trabalhada, quando é trabalhada dessa forma eu acredito que contribui para a formação do coletivo daquele espaço, aproximando os pais da escola, administração, coordenação, alunos e pais, no projeto social a comunidade; então aproxima as pessoas, o reconhecimento da cultura acontece através de várias ações, apreciação estética da capoeira, então são vários elementos que contribuem para formação desse coletivo, a partir dessa justificativa eu acredito que contribuem (MESTRE LAMPIÃO - Transcrição de entrevista realizada em 07/07/2018).

Com certeza, reforça tanto as pessoas que estão presentes e até mesmo quem não sabe que não tem capoeira, passa a saber que tem um espaço, um projeto que está sendo puxado ali (MESTRA FURINHA - Transcrição de entrevista realizada em 05/08/2018).

A capoeira por si só já é uma prática coletiva no meu entendimento, e a forma como a gente chega nesses espaços existe um momento de interação com o público; as pessoas gostam de chegar se aproximar e perguntar: posso jogar? A gente dá abertura pra essas pessoas jogarem; então traz uma interação, as pessoas podem participar também e muitas vezes naquele momento que elas conhecem a Capoeira Angola se interessam, perguntam onde tem o treino; às vezes, algumas pessoas acabam entrando para o grupo depois; e às vezes, só reforça a capoeira enquanto cultura e ocupação de um espaço público (CONTRA MESTRA AMORA - Transcrição de entrevista realizada em 05/09/2018).

As respostas dos mestres nos permitem inferir, que os grupos de capoeira sob sua liderança conferem uma territorialidade aos espaços nos quais desenvolvem a prática da capoeira. O sentimento de pertença caminha junto com o conceito de territorialidade nas narrativas transmitidas. É possível identificar que a partir da coletividade criada pela capoeira no espaço apropriado<sup>4</sup>, este torna -se um espaço carregado de valores, que chegam a afetar até mesmo as pessoas que não participam diretamente do grupo, mas que de alguma forma, vivenciam a capoeira transmitida em seu entorno.

Podemos considerar os espaços apropriados pela capoeira como territórios efêmeros, levando em consideração principalmente a dinâmica de realização das rodas de capoeira, que por vezes tendem a acontecer em lugares diversos na cidade. Em relação a efemeridade das rodas de capoeira, Guimarães (2013) destaca que:

Uma vez formada a roda, está delimitada a fronteira com o mundo exterior, é a “volta do mundo” que delinea o interior da roda, o mundo da capoeira. Assim, dentro da roda, os símbolos e os ritos só fazem sentido para quem pertence a esse universo (GUIMARÃES, 2013, p. 172).

A partir deste momento, podemos dizer que o território é produzido por meio das territorialidades (HAESBAERT, 2006). Sendo assim, criando ferramentas para transforma-se em espaço vivido, percebemos que os territórios apropriados pelos grupos de capoeira de Vitória formam um grau de relação com as pessoas que praticam a capoeira e com aqueles que assistem a ação, ao ponto de manifestarem o desejo de começar a jogar capoeira (LIRA, 2017). Buscando saber se existem outras intencionalidades no processo de apropriação do espaço por meio da realização da roda de capoeira, os mestres verbalizaram:

---

<sup>4</sup> É válido destacar que estes territórios apropriados pela capoeira são considerados dentro desta pesquisa como espaços efêmeros devido a dinâmica da capoeira de ocupar vários lugares pela cidade.

Sim, existe! Posso falar explicando com o “aulão” da amizade, evento que acontece anualmente reunindo diversos capoeirista da Grande Vitória. A concepção que levei para o aulão deste ano foi à concepção da formação de uma consciência social, política e história; então levei a partir da apreciação da estética, a estética não numa redução apenas do belo artístico dos movimentos da capoeira, mas do poder de organização que a capoeira pode ter no espaço [...], também realizamos muitas rodas nos mais diversos espaços da cidade, em praças, na praia, o grupo tem essa dinâmica, às vezes acontece várias rodas, sempre com a mesma intencionalidade de levar a cultura afro-brasileira e potencializar a cidadania (MESTRE LAMPIÃO - Transcrição de entrevista realizada em 07/07/2018).

Sim. Aqui o foco além da roda era trabalhar em prol da saúde e da cidadania. E a saúde, visando não só a saúde física, mas a saúde intelectual; a capoeira te faz pensar, te faz refletir, a saúde familiar, aqui nós temos pai, mãe e filho fazendo capoeira [...] olhando a saúde numa visão ampliada a gente tem que ver tudo isso, não só a parte física, mas vendo a parte social, intelectual, familiar, profissional, financeiro e a capoeira promove muito isso e esse era o foco aqui. (MESTRE SAPEBA - Transcrição de entrevista realizada em 02/08/2018).

Sim, existe a preocupação de ensinar história da capoeira, a história do Brasil, e tentar passar para o aluno o caráter necessário para ser uma boa pessoa na sociedade. Para ser um cidadão de bem, seja no estudo, seja no trabalho. Para que ele possa estar inserido na sociedade como cidadão de bem (MESTRE NAGÔ - Transcrição de entrevista realizada em 20/06/2018).

Então, a visibilidade da capoeira por si só já leva a uma quebra de preconceitos ainda existentes, então a gente ainda sofre preconceito; eu tenho experiências que eu passei de preconceito de capoeira enquanto atividade de matriz africana então eu tive problemas com isso, de tensionamento de discriminação, então no momento em que você coloca a prática em evidência em um espaço coletivo, você está contribuindo para mostrar o que é isso, afirmar aquela cultura, afirmar um ponto ali de que aquilo é importante, que é bacana, é difícil encontrar uma pessoa que não se emociona com uma roda de capoeira, então a quebra de preconceito, fortalecer o espaço da capoeira enquanto cultura já é uma das intenções, a prática de uma cultura popular em um espaço aberto é muito importante para alcançar a população. Então assim... Eu acho que os guardiões da cultura têm que ir onde o povo está fazer a roda pública é muito importante, embora as rodas fechadas para o grupo tiverem seus momentos também são importantes, os dois momentos são importantes (CONTRA MESTRA AMORA - Transcrição de entrevista realizada em 05/09/2018).

As respostas indicam e possibilitam reflexão a respeito da multidimensionalidade que existe na capoeira, como uma prática que pode ser benéfica dentro de um território. Afinal, muitas intencionalidades podem existir, a partir de um evento ou uma ação de determinado grupo. Algo em comum em todas as falas é a intencionalidade que leva o sujeito praticante a ampliação da cidadania. Em relação à capoeira como instrumento, ou seja, ferramenta para a formação cidadã, Silva; Heine (2008), dizem que:

Ao longo dos séculos, a capoeira sobreviveu e passou por diversas fases de transformação, até chegar à atualidade. Hoje, ela está inserida em um contexto obviamente muito diferente dos passados tempos de escravidão do período colonial. Aqueles que ainda acreditam no valor desta precisa manifestação cultural, legada a todos nós, trabalham arduamente em prol do resgate dos princípios fundamentais que norteiam a capoeira, quando está apenas começava a mostrar por que e para que vinha ao mundo (SILVA; HEINE, 2008, p.10).

Todavia, Almeida (2008, p.69), ao associar a capoeira ao conceito de cidadania, alerta que “a cidadania não se limita ao domínio ou aprendizado das técnicas corporais da capoeira”; é algo muito mais amplo. Os mestres entrevistados buscam transmitir em seus grupos através de conjuntos de valores, atos e atitudes vivenciados no dia a dia.

Outras intencionalidades destacadas pelas narrativas do Mestre Nagô e Contramestra Amora, respectivamente, são as que envolvem a preocupação em ensinar a história da capoeira atrelada à história do Brasil, e a luta pelo preconceito, posicionando a capoeira como uma manifestação de matriz africana.

Por meio dessas intencionalidades, a apropriação do território por estes grupos permite a aproximação de seus praticantes e de seus espectadores com a cultura afro-brasileira, possibilitando realizar um trabalho de identidade, ajudando a resgatar a cultura e compreender a formação social e cidadã existente.

A capoeira é uma arte com histórico de lutas pela emancipação negra, o que a legitima como uma manifestação cultural libertária por excelência. Enquanto prática educativa, social e cultural é nítida sua relevância quando observada a abrangência nacional que alcança, a inserção em todos os níveis sociais e sua adoção pelas instituições educativas (BREDA, 2010, acesso em 16 de setembro de 2018).

Atrelando as intencionalidades destacadas pelos entrevistados, com a citação acima, podemos salientar, que a capoeira para muitos dos seus praticantes é a primeira, ou até mesmo a única fonte de contato com a história do negro, apresentada de forma que engrandece e valoriza o papel do negro diante da sociedade durante o processo histórico.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse estudo, analisamos o processo de apropriação do território na cidade Vitória - ES, ressaltamos que as análises e as informações levantadas não visam esgotar o assunto, pelo contrário, esperamos que elas sejam mais um fomentador de discussão envolvendo a capoeira como uma atividade de luta e de resistência. A capoeira exerce uma função social, porque ela contribui para a ampliação da identidade e da cidadania, e porque os espaços e os equipamentos públicos são usados diariamente.

A capoeira, praticada em Vitória, surge como uma alternativa de manifestação cultural que ocupa e ressignifica os lugares públicos da cidade, isto é, são lugares perigosos que despertam medo e insegurança para a população, por causa da violência que assombra toda a sociedade. A exemplo de áreas periféricas, destacamos os bairros São Pedro, Gurigica, Jesus de Nazaré, Andorinha, Vila Rubim e Rodoviária.

Em relação à apropriação do território pelos grupos de capoeira, objeto que norteou o trabalho observou-se que a capoeira dinamiza o espaço, de modo a proporcionar condições para a ampliação e consolidação da cidadania. Nesse processo de apropriação, o indivíduo, sendo capoeirista ou não, possui meios que podem assimilar questões que envolvem a socialização e o respeito.

## 5 REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, J. A. de. **A reflexividade nos discursos identitários da capoeira**. 2008. 148 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2008.
- BREDA, O. **A capoeira como prática educativa transformadora**. *Anais...* 24 de agosto de 2010. Disponível em: <[http://www.educacaopublica.rj.gov.br/biblioteca/educacao\\_fisica/0009.html](http://www.educacaopublica.rj.gov.br/biblioteca/educacao_fisica/0009.html)>. Acesso em: 30 mar. 2018
- CAMPOS, H. Á. Refletindo sobre o papel das representações nas territorialidades urbanas: o exemplo da área central do Recife. **Espaço e Tempo**. São Paulo. Nº 11. Geousp, 2002. p. 35 - 50.
- CLAVAL, P. Reflexões sobre a geografia cultural no Brasil. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, v.8, ago/dez. 1999. p. 7 - 28.
- CORRÊA, A. **Sobre a Geografia Cultural**. Instituto Histórico Geográfico do Rio Grande do Sul. 2009.
- CORRÊA, A. Territorialidade e corporação: um exemplo. In: SANTOS, Milton; SOUZA, Maria Adélia A. de; SILVEIRA, Maria Laura (org.). **Território: globalização e fragmentação**. São Paulo: Hucitec/ANPUR, 1994. p. 213 - 220.
- GOMES, P. C. da C. **A condição urbana: ensaios de geopolítica da cidade**. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil, 2002.
- GUIMARÃES, A. A.. Capoeira - a roda, o jogo, o ritual. In: BARRETO, M. A. S. C.; ANDRADE, P. G. R.; CUNHA JR., H.A.; RODRIGUES, A.. (Org.). **Africanidade(s) e Afrodescendência(s)**. 1ed. Vitória: EDUFES, 2013, v. 1, p. 07-225.
- HAESBAERT, R. **O Mito da Desterritorialização: do fim dos territórios à multiterritorialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.
- HAESBAERT, R. **Territórios alternativos**. Niterói: EDUFF, São Paulo: Contexto, 2006.
- HAESBAERT, R.; LIMONAD, E. O território em tempos de globalização. Etc: **Espaço, Tempo e Crítica**, Niterói, UFF, v. 1, n. 2, ago de 2007. p. 39 - 52.
- LEPETIT, B. **Por uma nova história urbana**. Tradução Cely Arena. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

- LIRA, J. R. de O. **Migração e mobilidade na fronteira: concentração de imigrantes internacionais e formação de espaços de vida na Amazônia brasileira.** 2017. 154 f. Tese (Doutorado) - Curso de Demografia, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2017.
- MALDI, D. A questão da territorialidade na etnologia brasileira. In: **Sociedade e Cultura.** V.1, n.1, Jan/Jun, p.1-17. 1998. MASSEY, D. **Pelo espaço.** (Trad. Rogério Haesbaert) Rio de Janeiro: Bertrand, 2008. p. 1 - 17.
- NICOLÁS, D. H. Tempo, espaço e apropriação social do território: rumo à fragmentação na mundialização. In: SANTOS, Milton; SOUZA, Maria Adélia A. de; SILVEIRA, María Laura (Orgs.). **Território: globalização e fragmentação.** São Paulo: Hucitec, 1994. p. 85 - 101.
- RAFFESTIN, C. **Por uma geografia do poder.** Tradução: Maria Cecília França. São Paulo: Ática, 1993, 269p.
- ROCHA, L. B.; A., M. G. Cultura, mundo-vivido e território. In: Simpósio Nacional sobre Geografia, Percepção e Cognição do Meio Ambiente, 2005, Londrina. **Anais...** Londrina: Universidade Estadual de Londrina. p.1-13. 2005.
- SACK, R. D. **Human Territoriality: it's theory and history.** Cambridge: Cambridge University, 1986.
- SANGUIN, A-L. **La géographie politique.** Paris: Presses Universitaires de France, 1977.
- SAQUET, M. **Abordagens e concepções de território.** São Paulo: Expressão Popular, 2014.
- SILVA, D. J. da. **O olhar sobre a capoeira: um estudo dos filmes nacionais e internacionais.** 2013. 142 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Educação Física e Desportos.
- SILVA, G. de O.; HEINE, V.. **Capoeira: um instrumento psicomotor para a cidadania.** São Paulo: Phorte, 2008. 191 p.
- SILVA, V. P. Da. Apropriação do território e meio ambiente: uma leitura geográfica. **GEOCONEXÕES**, v. 2, p. 38-46, 2015.
- TORRES, F. do C. **Espaço Público: Apropriação e direito ao uso. A territorialidade das rodas de capoeira em Brasília (Distrito Federal),** 263 p. Dissertação (Mestrado, Universidade de Brasília, Instituto de Ciências Humanas, Departamento de Pós-Graduação em Geografia). Brasília, 2014.